



“ESTÓRIAS” DA APICULTURA, para rir e sorrir...

Por Joaquim Pifano

Ao contrário do que vos tenho habituado, desta vez não trago uma conversa cinzenta sobre a apicultura, sector que também nos dá muitos motivos para rir, mas desta vez com um riso saudável...

Por isso vou contar-vos sete histórias de entre muitas que tenho coleccionado nos anos de técnico de apicultura:

1. PARA CAPTURAR ENXAMES I

Há muitos anos atrás, ainda eu andava fora destas lides apícolas, quando um apicultor amigo me instruiu sobre a arte de capturar enxames. Contou-me em grande segredo os ingredientes e a técnica de borrifar os cortiços com a mistela mágica para atrair abelhas.

Jurou-me a pés juntos que a técnica era infalível, ainda no ano anterior capturara mais de vinte. O segredo da mistura era simples, urina de adolescente virgem! Imaginem!!! Ele próprio andava a guardar o orgânico líquido dos filhos, uma vez que se aproximava a Primavera.

Fiquei maravilhado com tal revelação. Nunca

me passara pela cabeça que a castidade influenciasse tanto as abelhas, mas lá encaixei mais esse conhecimento.

Alguns dias mais tarde, noite escura, quando regressava a casa, encontrei por acaso a filha do dito apicultor. Vinha com o namorado, vinham dum local muito usado pelos jovens da terra para os “voos nupciais”.

Já devem calcular o fim da história..., no entanto fiquei tranquilo, ainda bem que os espanhóis comercializam o perfume de Aristeu, o conhecido atractivo de abelhas, pois à conta daquela filha ele nunca mais apanharia enxames.

2. PARA CAPTURAR ENXAMES II

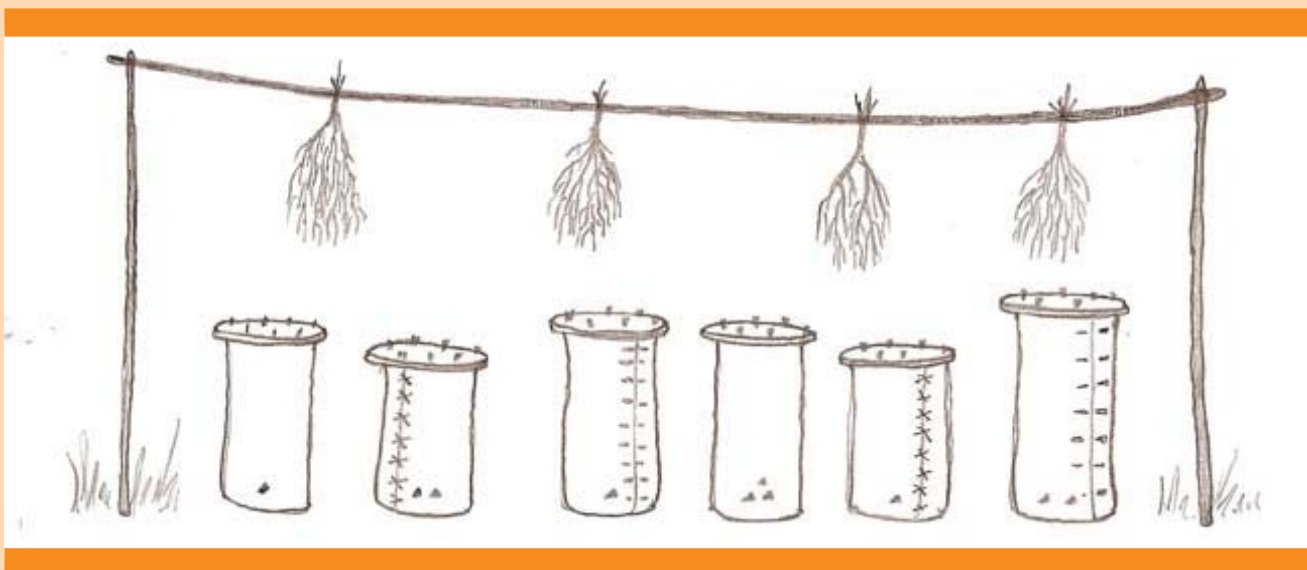
Tal como já foi dito, os episódios da captura de enxames são os mais ricos em fantasia de todo o folclore apícola.

Uma vez deparei com uma decoração no mínimo estranha, frente a um grupo de colmeias, paus com cerca de dois metros espetados no chão e ligados por fios. Parecia um estendal da roupa. Só que em vez da “barrela” semanal, estavam pendurados pelas raízes vários arbustos de carqueja. Explicou-me então o apicultor que tinha por hábito esse procedimento nos apiários onde não havia árvores próximas. Os enxames quando saíam penduravam-se na carqueja, e ele colhia-os como fruta madura.

Na minha terra, tal como em muitos outros locais, havia o hábito de atirar terra ou areia ao ar

sempre que passava um enxame a voar. Tal artifício destinava-se a obrigá-lo a pousar para ser capturado. Conta um amigo meu, que numa bela tarde foi sobrevoado por um enxame de grandes dimensões. Estava no campo e não lhe foi difícil encontrar terra para atirar às abelhas.

Era suposto existir uma árvore ou arbusto por perto para as abelhas pousarem, (ou um estendal de carquejas). Mas como descurou este pormenor viu-se em poucos segundos coberto com largos milhares de abelhas, que não encontrando pouso mais conveniente em redor o usaram como “poleiro”. Foi o cabo dos trabalhos para se ver livre de tal carga, mas tudo acabou em bem e lá aumentou o efectivo apícola.



Contou-me um apicultor a forma curiosa como há muitas décadas atrás um familiar seu capturou e transportou dois enxames.

O seu bisavô, capataz numa grande herdade, regressava a casa montado num soberbo cavalo. A determinada altura o cavaleiro encontra um grande enxame pousado num arbusto. Como apicultor aficcionado que era não quis perder a almejada presa, apesar de não ter uma caixa, cortiço ou saco para transportar as abelhas. Resolveu na mesma o problema, com muito cuidado quebrou o ramo do arbusto, e transportou o enxame aí pousado.

Uns quilómetros mais adiante novo enxame o aguardava, como ainda tinha um braço disponível trouxe-o também.

E assim ia ele, montado no cavalo de rédeas livres, os dois braços abertos e com um pau carregado de abelhas em cada um. Já perto de casa, nova peripécia surgiu, cansado de levar os braços abertos deixa-os descair e as abelhas com as oscilações da montada, começam a subir pela vara e pelo braço acima.

Umás horas depois deu entrada no portão do monte montado no cavalo e com um enxame de abelhas debaixo de cada braço...

3. CRIAÇÃO DE RAINHAS EM DEZ MINUTOS

Certa vez, visitei um apicultor que me tinha contactado para o ajudar a juntar duas colónias. Ele optara por este procedimento porque uma delas teria ficado órfã numa fase do ano em que seria infrutífero, ou pelo menos muito difícil, criar outra rainha.

Cheguei ao local, verifiquei as condições de trabalho, e pareceu-me estar tudo em ordem para a operação. É então que reparo num pormenor que poderia resultar numa situação divertida e simultaneamente resolver o problema ao apicultor.

Chamei-o e disse-lhe: – Olhe, não há necessidade de juntarmos as colónias. Desta vez sem exemplo, eu vou-lhe “criar” uma rainha rápida para a colmeia órfã. Mas peço-lhe por favor que não ensine este truque a ninguém...

O apicultor, estupefacto, olhava muito sério para mim, – e como vai fazer isso? É possível? – Desta vez é, – respondi eu, tentando ficar com um ar sério.

Retirei o tampo e a prancheta da colmeia órfã, coloquei uma folha de jornal por cima, e finalmente uma alça sobre o conjunto, borrifei tudo com água açucarada.

O apicultor seguia atentamente cada um dos meus movimentos. E o final em grande, virei-me e retirei de uma oliveira atrás de mim, um pequeno enxame de abelhas extemporâneo e coloquei-o na alça sobre o jornal, tapei tudo com a prancheta e o tampo.

O apicultor, muito admirado disse: – desta é que eu não estava à espera. Nem respondi, contou-me ele mais tarde que o “enxerto” tinha funcionado.

4. COLMEIAS COM VÁRIAS RAINHAS

Depois de tanto falar nos outros... chegou a minha vez, também tenho telhados de vidro. A história passou-se há quase dez anos, no primeiro enxame que eu capturei.

Resolvi seguir os conselhos do Sr. Leonel Belchior, publicados n' O Apicultor, sobre a tendência dos enxames migrarem para as regiões onde a floração está mais atrasada. E de facto resultou, em menos de três dias tinha um cortiço povoado. Foi uma excitação enorme transferir aquela massa de insectos para dentro de um núcleo, eu tremia que nem uma vara verde. Consegui enfiá-las na caixa à terceira tentativa, nas primeiras duas caíram quase todas ao chão. Mesmo assim ficaram muitas cá fora e receei que voltassem a fugir.

Dos fracos conhecimentos que tinha, recordei-me que se a rainha estivesse na colmeia todas as outras entrariam, só que eu nunca tinha visto uma

rainha. Mas como a sorte ajuda os principiantes, imediatamente a vi pousada num ramo. Com todo o cuidado coloquei-a no núcleo. Logo de seguida vi mais duas cá fora, não há que desanimar e com a ajuda de um pauzinho consegui repatriá-las. Nos minutos seguintes ainda vi mais algumas e consegui capturar mais duas, pensei então que com cinco rainhas o trabalho estava perfeito.

Saí dali para deixar que as restantes obreiras (e eventualmente rainhas) entrassem na colmeia e mais tarde a levar para o apiário.

Horas mais tarde, fui buscar a colmeia com um amigo, apicultor recente como eu, contei-lhe a peripécia das rainhas e ele ficou curioso em vê-las. Nada mais fácil, procurei nas redondezas e lá encontrei mais uma, e o Nelson deu-me os parabéns por ter enfiado meia dúzia de zangãos no meu primeiro enxame!!!

5. ALIMENTAÇÃO ARTIFICIAL I

A alimentação artificial é um dos assuntos mais controversos entre os apicultores mais idosos (para não falar dos mais novos...). Têm sempre umas ideias muito próprias, com segredos e mesinhas já de várias gerações e dos quais raramente abdicam. O vinho e outras bebidas alcoólicas são sempre as preferidas para a alimentação das abelhas.

Uma vez visitei um apicultor idoso, uma visita de rotina só para avaliar o desenvolvimento das colónias. Correu tudo dentro da normalidade até eu lhe chamar a atenção para um aspecto curioso do seu apiário. Tratava-se de um canal comprido feito com telhas e que estava frente às colmeias. Respondeu-me que era onde colocava o alimento para as abelhas. Expliquei-lhe o inconveniente dos

alimentadores artificiais face à possibilidade de fomentarem a pilhagem, o que ele percebeu.

Contou-me o segredo da sua alimentação artificial, uma panela ao lume, cervejas fora da validade, açúcar, vinho quando o há, maçãs; pêras; figos e laranjas. Ia eu tomando nota da receita quando o apicultor muito atrapalhado, me chamou a atenção, “— está a escrever isso? Então diga aí que as laranjas devem ir sem casca, primeiro eu não a tirava e o xarope amargava muito...”

Uma vez recebi a visita deste apicultor que queria à viva força uma licença de “espancamento” abelharucos... percebi mais tarde que o ICN em tempos passava licenças para espantar as ditas aves, foi um problema de dislexia.



6. ALIMENTAÇÃO ARTIFICIAL II

Desta vez foi um formando que me confessou que alimentava as abelhas com gelados fora da validade, caixas de *Cornettos* e *Pernas de Pau da*

Olá... Ele tinha uma pequena loja onde vendia estes artigos. E a vida sorri ...

7. ALIMENTAÇÃO ARTIFICIAL III

O Inverno de 2003 foi extremamente duro nesta parte do Alentejo, morreram muitas colmeias com falta de reservas, doenças e nalguns casos por falta de rainha. Os apicultores queixavam-se pelas mais variadas razões. Uma tarde, estava eu num desses grupos de apicultores a tentar encontrar forma para minimizar os danos causados por essa invernada. Quando acabou a reunião, todos foram saindo, acabando por ficar para o fim um apicultor recente, rapaz reservado mas muito interessado nas abelhas.

Percebi logo que vinha aí uma confissão importante, e não me enganei..., disse-me então, que ouvira atentamente os relatos dos demais presentes, mas tinha ficado calado para não ferir susceptibilidades. “ – Olhe, pois cá a mim não me morreu uma única colmeia durante o Inverno, deilhe um alimento que não admite falhas”. Conte-me lá então a receita milagrosa, se não for segredo – pedi-lhe eu. “É simples, cozi um pouco de feijão branco com açúcar amarelo, vinho tinto e feijão preto” achei graça à referência das cores dos alimentos, “finalmente coloquei a massa no apiário em pequenas manjedouras feitas de canas rachadas, em cima de forcas de Esteva” Fiquei maravilhado com tal revelação. “Graças a esse alimento, não me morreu uma colmeia...”.



Não é incorrecto o facto de se dar massa de feijão às abelhas, no fundo é uma fonte proteica tal como a soja ou o pólen, mas graciei com ele pelo facto de as abelhas “comerem” tanto feijão. Espero que não faça muito uso do fumigador ou qualquer dia o apiário vai pelos ares com uma explosão.



Fica apenas a nota de que tenho um imenso respeito, carinho e cumplicidade com as personagens sobre as quais me referi neste escrito, aprendi bastante com eles.